

04º CONCURSO FNLIJ CURUMIM - LEITURA DE OBRAS DE ESCRITORES INDÍGENAS – 2007

VENCEDOR:

Relato de experiência educativa – “UMAS CRIANÇAS, DIVERSOS OLHARES:
UNIVERSO NATIVO E POSSIBILIDADES”

Autora: Mighian Danae Ferreira Nunes
São Paulo – SP

Trata-se de uma experiência educativa que mostra o trabalho da professora Mighian Danae com as crianças, na Escola Estadual Jardim Moraes Prado I, na capital de São Paulo. Foram utilizadas obras indígenas que produziram sentidos e conhecimentos para os alunos: *Kabá Darebu*, de Daniel Munduruku, da Editora Brinque-Book e *Coisas de Índio*, também de Daniel Munduruku, da Editora Callis.

Relato de experiência educativa – “UMAS CRIANÇAS, DIVERSOS OLHARES:
UNIVERSO NATIVO E POSSIBILIDADES”

Inicialmente, desejei trabalhar atividades relacionadas com a questão indígena que pudessem produzir sentidos para as crianças e através deles, produzir conhecimento. Comecei a aula falando sobre a origem do nome índio, indígena e todos os seus derivados, mostrando no mapa as rotas que percorria Portugal e toda a Europa, discutindo então como as cartografias de conquista definiram nomes, lugares e espaços. Tomando como base o livro *Kabá Darebu*, do Daniel Munduruku, elaborei atividades que abrangem o trabalho com os mais variados sentidos humanos, na tentativa de envolver as crianças no universo nativo, pois, assim como os nativos, afirmo que também somos Terra, também somos seres que precisam do contato com a natureza e do diálogo com os outros seres e grupos humanos; e desse modo, também somos nativos. Uma das minhas principais preocupações era fazer as crianças perceberem que não poderíamos partir de uma generalização feita pelos/as europeus que aqui chegaram para conhecer a cultura nativa; era impossível dizer que todos/as os/as nativos/as agiam todos de uma mesma maneira ou viam o mundo de um mesmo jeito e se expressavam igualmente. Deixei muito claro que eu havia escolhido trabalhar com o povo munduruku, situando-o no tempo e no espaço através das informações encontradas nos livros escolhidos para as atividades, em sites e revistas especializadas. Era valioso registrar que o olhar munduruku sobre o mundo poderia encontrar analogias com outros grupos nativos, mas nunca poderíamos dizer que eram iguais, e salientei que também o meu, o nosso olhar será sempre de alguém que está de fora, que mora na cidade e vê o/a nativo/a com o olhar que é misto de surpresa, admiração, medo, mas acima de tudo, um olhar que deve ser sempre fraterno.

Aproveitando também a data de 22 de abril, utilizamos as informações que o livro nos traz sobre o número de povos indígenas que tínhamos e que temos hoje no Brasil, após a chegada dos europeus por aqui. Discutimos se o número era muito ou pouco, se o que tínhamos ainda hoje era significativo, trabalhando noções de matemática como unidade, dezena e centena. Após estas constatações, passamos ao trabalho com história do Brasil, discutindo as relações que se seguiram aqui após a chegada dos europeus e o que essa relação produziu, como conflitos, preconceitos e muitas mortes.

Passei uma semana “seduzindo” as crianças com o livro, preparando-as para a leitura. Todos os dias conversávamos sobre as atitudes das pessoas com relação aos nativos ainda hoje, como essa relação foi construída e de que maneira nós poderíamos fazer diferente a partir do conhecimento da situação que o/a nativo se encontrava na época da chegada dos europeus e como eles/as estão hoje. A seguir, elencamos em sala de aula quais as palavras que as crianças conheciam que poderiam ter relação com algumas línguas nativas, como o tupi e o guarani. Salientamos que no Paraguai a língua guarani é falada e é língua oficial, e questionei por que eles/as achavam que no Brasil não era assim. Eles/as responderam que “veio muito branco de vez pra cá, isso deve ter atrapalhado mais a gente ter a nossa língua baseada no guarani”; Elencamos também o número de crianças que tinham nomes nativos, e encontramos uma criança com o nome de Nayara. Pesquisamos o que significava e de que língua provinha.

Apresentei também um outro livro do Daniel Munduruku, intitulado *Coisas de Índio*, para dar suporte ao trabalho com o livro escolhido. Discutimos a possibilidade de enviar para o Daniel uma carta, falando do nosso interesse pelo trabalho dele, para assim trabalharmos a escrita em suas mais variadas formas.

A leitura do livro abriu outras possibilidades de trabalho com leitura e escrita, além da discussão, que é sempre presente em nossas aulas, sobre novas vivências e possibilidades com o outro e com grupos sociais antes relegados à margem do processo histórico de construção de conhecimento, do conhecimento dito “confiável” e “científico”. Durante a leitura do livro, tivemos alguns momentos de pausa, um deles para falar da mandioca. Havia uma aluna que conhecia uma das muitas lendas sobre a mandioca, e ela relatou para a sala. A maioria das crianças conhecia a mandioca, e já havia comido diversas vezes, das mais diversas formas. Realizamos um momento para a degustação da mandioca em sua forma de tapioca ou beiju, como chamam as crianças, junto com um suco de laranja, feito sem açúcar, para que as crianças pudessem saborear um lanche tipicamente nativo, sem produtos feitos industrialmente. Utilizei a receita da feitura do beiju para exemplificar como as/os nativos/as utilizavam a cozinha, fazendo sempre comparações com a nossa cultura do cozinhar e como lidamos com os alimentos. Trabalhamos aqui a leitura e a escrita, além de matemática, no momento em que falamos das medidas para fazer o beiju.

Após a leitura e discussão do livro, propusemos uma reescrita coletiva do mesmo. As crianças deram idéias, corrigindo inclusive a gramática do texto reescrito. O texto original foi transformado num novo texto, que posteriormente foi transformado num mini-livro, onde as crianças puderam ilustrar e reescrever a história como desejaram, seguindo as informações que receberam sobre a cultura nativa durante as aulas.

No livro *Kabá Darebu*, o autor Daniel Munduruku nos mostra como o seu povo usa as pinturas e em que momentos, e as ilustrações deixam claro de que forma eram essas pinturas, e de que cores. Assim, além de utilizarmos apenas as formas impressas no livro, utilizamos as cores mostradas, pois eram aquelas as quais os/ as nativos/as tinham acesso, para a pintura do rosto das crianças. Todas quiseram pintar-se e percebiam então que a pintura tinha um significado para as/os nativos/as; muitas crianças expressaram que se pintaram porque estavam tristes, ou alegres por este ou aquele determinado ponto da história que as tocou mais.

Em sala de aula, realizamos uma atividade descrita no livro do Daniel Munduruku. De olhos fechados e respirando calmamente, paramos para ouvir. Ouvir os sons, os silêncios e tudo aquilo que a natureza que estava ao nosso redor estava dizendo. Em meio ao burburinho da escola, conseguimos distinguir sons da natureza, como o som de um pássaro ao longe, o vento que tocava as folhas das árvores, e as crianças comentaram como esses sons são bonitos, e como nós, muitas vezes, por estarmos sempre correndo para lá e para cá, esquecemos que eles existem. Propus então que à noitinha, quando estivessem em casa e a lua já tivesse coberto o céu com um chão de estrelas, eles/as parassem de novo, para ouvir os sons da noite, estabelecendo comparações.